

**Arquivo
quer público**

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO III Nº 25/26
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

CONTRATO Nº 3956791
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO



**Belém é
saúde**



**O mundo
e os
fins de
Cardoso**



**Os
versos
de
Quintina**



**As histórias
de Tereza**



**Samba
malandro**

Reviver Formosa

ZICO CARDOSO



O fim do mundo e outros fins

A saudade daquele sertão do Planalto Central cheio de vidas silvestres e mistérios faz parte do universo literário de "O Fim do Mundo e Outros Fins". As devastações, as depredações e a destruição das matas, próprias da nossa época, e o choque de progresso que atingiu em cheio aqueles caboclos desfilam diante de nossos olhos inexoravelmente. É um livro para recordarmos e refletirmos.

Goiás, anos 20. O progresso e as novas invenções vão chegando para ficar e mudar o cotidiano dos caboclos e de toda aquela gente do interior. O telégrafo, as estradas de ferro, os automóveis, a energia elétrica, a construção de Goiânia, nova capital do Estado, e mais recentemente, a criação de Brasília, a capital do Brasil, criaram irremediavelmente um grande choque ainda não assimilado totalmente por uma boa parte dos habitantes daquela época.

Para mostrar o assombro, o espanto e um pouco

de saudade daqueles tempos é que o escritor José Carlos de Oliveira, ou simplesmente "seu" Zico Cardoso, esperou completar 74 anos de vida para escrever a história *O Fim do Mundo e Outros Fins*, que será editada pela Thesaurus e lançada em agosto na Câmara Legislativa do Distrito Federal.

Goiano de Corumbá de Goiás, Zico viveu muito bem aquela época. Fiscal de rendas do Estado e comerciante, conviveu por muitos anos com tropeiros vindos do Maranhão, de São Paulo e de outros tantos lugares. Presenciou

as brigas entre tropeiros e donos de carros de boi pelo comércio na região. Tudo em vão. Veio a estrada de ferro e suas marias-fumaças e ambos desapareceram. Talvez tenham buscado outros interiores imunes ainda ao progresso.

Histórias e estórias de pescadores, caçadores e desbravadores do sertão. Um tempo de saudade que vale a pena lembrar para refletir sobre esse modelo de progresso em que vivemos. Ah! que saudades daquelas boas caçadas que não vivi e não poderei mais viver neste novo Goiás.



Com sua vocação cultural, Taguatinga inaugurou recentemente o Teatro da Praça, antiga reivindicação dos artistas locais, à frente o grupo Celeiro Celeiro das Antas. Localizado próximo à Praça do Relógio, o teatro tem capacidade para receber 300 pessoas, além de camarins e ventilação adequada.

Taguatinga é oficialmente a primeira cidade-satélite do Distrito Federal. Foi criada no dia 5 de junho de 1958. Daquela época até os nossos dias, a cidade cresceu e consolidou-se como um grande centro populacional, econômico e cultural.

Um dos pontos de orgulho da cidade é justamente esta sua vocação para a cultura. Escritores tais como J. Simões e Dalva Gebrin, grupos de teatro da qualidade da Casa de Teatro Celeiro das Antas e artistas plásticos do quilate de Omar Franco e Anselmo Rodrigues, entre tantos outros de expressão regional e nacional, engrandecem a produção cultural de Taguatinga.

Na efervescência da produção cultural da cidade desponta o Teatro da Praça, próximo à Praça do Relógio, no centro de Taguatinga, como ponto de referência, recentemente inaugurado após vários anos de abandono e esquecimento pelo poder públi-

co. Inicialmente, o teatro era um auditório da Escola Industrial de Taguatinga (EIT), construído nos idos dos anos 60. A falta de espaços culturais na cidade fez com que os diversos grupos organizados do movimento cultural "assumissem" o auditório do EIT, rebatizando-o de Teatro da Praça para poderem expressar a sua arte, tendo à frente o grupo Celeiro das Antas.

O novo Teatro da Praça

ganhou agora melhorias significativas. Com capacidade para cerca de 300 pessoas, ventilação adequada e camarins, o teatro teve seu palco aumentado. Segundo o autor do projeto arquitetônico, Antônio Eustáquio dos Santos, o teatro ganhou ainda uma galeria de arte, a primeira de Taguatinga, um foyer e um espaço para cafeteria. Ainda segundo o autor, o teatro se insere dentro de um projeto maior, envol-



ANTÔNIO CAFU
(PT)

O Arquivo Público do Distrito Federal é a memória viva da cidade. Lá encontramos excepcionais informações, como as dos depoimentos daqueles que vieram de todos os pontos

do Brasil para construir a capital da República. É uma lástima que o Arquivo tenha poucos funcionários para atender ao público, principalmente pesquisadores e escolares que o procuram e, ao contrário do que havia sido anunciado no início do Governo Popular e Democrático, o Arquivo Público não está funcionando aos fins de semana por falta de recursos. Esperamos que esse quadro possa ser revertido o quanto antes.

Além de um palco maior, o teatro dispõe de um novo acesso aos camarins

Arte no teatro

□ **Débora Aquino**

O direito à construção das ações humanas passa necessariamente pela globalização e difusão da cultura. O estreitamento da relação arte/educação é emergente, não se concebendo pensar a escola seccionada da cultura.

Partindo desse pressuposto, Estado e Sociedade devem caminhar juntos em busca de novos paradigmas que transformem a relação cultura e educação.

Uma escola que tem o privilégio de contar com um centro cultural em sua área vive uma situação ímpar, que só vem favorecer a qualidade de ensino ministrada nesta escola.

Enquanto gestores do sistema educacional, não podemos deixar que o barco evolutivo da consciência humana corra à deriva, sem uma política articulada com os interesses sociais e históricos da comunidade.

Grupos teatrais como a Casa de Ensaios Celeiro das

Antas, Sem Fronteiras; Grupos de Dança como Dança em Par, Dança e Tal, entre outros, que têm trabalho reconhecido nacionalmente; na área de plásticas, artistas como Omar Franco, Anselmo Rodrigues, Fernando Capaneda, Jorge Cimas, J. Nasce, Paulo Mendes, que há muito romperam as fronteiras do Distrito Federal, não podem ser valorizados apenas como produtos *made in Taguá*, mas necessitam de um espaço cultural – Teatro da Praça – para receberem, com dignidade, visitantes, alunos, artistas e toda a comunidade do Distrito Federal.

Taguatinga, aos 38 anos, inaugura uma nova era – a partir do projeto arrojado do arquiteto Antônio Eustáquio, que abrange galeria de arte, salas para oficinas, espaço de convivência, biblioteca e teatro; o centro pulsante e inquieto de Taguatinga se transforma em espaço pensante e provocador de mudanças.



vendo outros prédios com o objetivo de se criar ali um centro cultural coberto, de lazer e integração da cidade.

O diretor-executivo da Fundação Cultural do Distrito Federal, Nilson Rodrigues, afirmou que o Teatro da Praça, agora, terá um Conselho Gestor, com representantes dos estudantes, da Delegacia Regional de Ensino, da Administração Regional, Secretaria de Cultura/Fundação Cultural e do movimento

cultural da cidade. O Conselho terá como objetivo definir os rumos do teatro para atender as necessidades da cidade e da comunidade. Entretanto, esclarece Nilson, a Fundação Cultural deverá encarregar-se da administração do espaço físico, pois tem a experiência de gerenciamento teatral, como controle de bilheterias, elaboração de contratos e outros aspectos técnicos de administração.



MANOEL DE ANDRADE
(PMDB)

O Arquivo Público é o espaço de preservação da memória coletiva do Distrito Federal. É o espaço da preservação do nosso patrimônio cultural. Nos arquivos ali existentes

repousam aspectos imprescindíveis para o entendimento de todo o processo de transformação de um grande pedaço do cerrado na capital do Brasil. Para refletirmos sobre o presente e pensarmos o futuro do Distrito Federal temos, necessariamente, como referência o Arquivo Público e sua memória. Algumas horas do Arquivo Público significam a valiosa possibilidade de um contato direto com a nossa história.



O auditório tem capacidade para 300 pessoas